

TAIGUARA E A UNIÃO CULTURAL BRASIL-URSS

Taiguara era o cantor predileto de meu companheiro de república em São Paulo nos tempos da faculdade, no auge da ditadura militar. Estudante do Mackenzie, o hoje engenheiro Geraldinho Ribeiro Jr., tinha todos os bolachões com os sucessos do final dos anos 1960 e início dos 70, românticos, com letras modernas. Além de compor, Taiguara também era grande intérprete, como mostrou em sua versão de “Gente Humilde”, o clássico da MPB que uniu Garoto, Chico Buarque e Vinicius de Moraes.

Taiguara nasceu em Montevideu, no Uruguai, filho de músicos, que emigraram para o Brasil em 1949 instalando-se no Rio de Janeiro quando tinha apenas quatro anos de idade. Foi no Rio que largou o curso de direito para se tornar músico. Na era dos festivais, fez sucesso com canções como “Hoje”, “Universo do teu corpo”, “Modinha”, “Que as crianças cantem livres”, que se mantém vivas até hoje, embora Taiguara tenha sido vencido pelo câncer em 1996. Naqueles tempos da ditadura, Taiguara foi o autor mais censurado pelo regime: teve 68 músicas censuradas e um disco pronto impedido de ser lançado em 1975. Sob tais condições, sua música quase desapareceu das rádios. Auto exilou-se um tempo, viveu na África e tornou-se marxista, condição que levou para sua música e letras engajadas quando retornou ao Brasil.

No início dos anos 80, meu amigo arquiteto e xará Mauro Freitas, que vive em Ribeirão Preto, foi um dos criadores da sucursal ribeirão-pretana da União Cultural Brasil – União Soviética, uma réplica às entidades que criavam laços da cultura brasileira com os EUA ou Inglaterra. Sua função era evidentemente ideológica, ao trazer para o Brasil da ditadura e do seu latente anticomunismo (hoje repetido de forma amalucada e fora de contexto pelo bolsonarismo sem noção) elementos da cultura daqueles povos tão distantes. No fundo, era uma maneira bem-humorada de reagir à ditadura, pois o alcance das atividades da União Brasil – URSS era muito restrito diante da avassaladora presença da cultura norte-americana e inglesa na programação das TVs, no cinema, na música.

A turma do Mauro Freitas trouxe a Ribeirão Preto um show do Taiguara para levantar fundos para a UCB-URSS e me convidou. Fui assistir no ginásio da Cava do Bosque, local de grandes jogos de basquete projetado por Ícaro de Castro Melo quando Ribeirão Preto intensificava sua liderança como uma espécie de capital da região, no final dos anos 1950. Taiguara tocou, cantou, fez discursos, começou à tarde e entrou a noite, foram mais de quatro ou cinco horas de show, na banda estava seu pai Ubirajara no bandoneón. Comprei dele o disco “Canções de amor e liberdade”, tenho até hoje. O show durou tanto que, sentado na arquibancada de cimento, fui ficando desconfortável, sem posição, a coluna doendo e não fiquei até o fim, ainda tinha que dirigir de volta a Franca. Grande Taiguara, grande Mauro Freitas.

Mauro Ferreira é arquiteto